

O Anonimato das Virtudes

Frithjof Schuon

Segundo Santo Agostinho, “todos os outros vícios se ligam ao mal para que ele se faça; só o orgulho se liga ao bem para que ele pereça”. E, do mesmo modo, o Cura d’Ars: “A humildade está para as virtudes como o cordão está para o rosário; retira o cordão, e todas as contas escapam; elimina a humildade, e todas as virtudes desaparecem.” Isso quer dizer que o orgulho consiste em se glorificar por suas virtudes, quer diante dos outros, quer diante de si mesmo somente; o que destrói as virtudes por duas razões: em primeiro, porque elas são tomadas de Deus, a quem na realidade elas pertencem, e porque assim a pessoa se põe – como Lúcifer – no lugar da Fonte divina; e, em seguida, porque se atribui *de facto* um valor desproporcional a um fenômeno necessariamente relativo. “Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que faz a direita.”

Concluiu-se abusivamente que o homem virtuoso não tem consciência de suas virtudes, e que ter consciência delas é orgulho: ora, o fato de que o orgulhoso se atribui de bom grado todas as virtudes que concebe não implica de forma alguma que todo homem que tem consciência de suas virtudes seja um orgulhoso, pois há consciência e consciência. O homem, sendo “feito à imagem de Deus”, tem o dom da inteligência; quem diz inteligência, diz objetividade, o que implica que a tese – seja filosófica, seja moralista – da subjetividade fundamental do homem é uma contradição pura e simples; pois aquele que é privado de objetividade não poderia constatar seja o que for, nem mesmo que ele é subjetivo¹. O homem dotado de objetividade possui por isso mesmo a faculdade de se olhar como se fosse outro; ora, se devemos admitir que outras pessoas têm qualidades – e a humildade o exige –, não podemos negar para nós mesmos a possibilidade de as ter; se, ao contrário, devemos acreditar piedosamente que não somos capazes de nenhum bem, devemos pensar o mesmo dos outros. Em todo caso, o humilde não se apega, no que diz respeito a si mesmo, à atribuição pessoal da virtude; ele se apega à virtude em si mesma, à virtude enquanto tal; não porque ela seja eventualmente sua, mas porque ela é bela. E, sendo bela, ela pertence necessariamente ao Sumo Bem.

Pode-se perguntar em que se baseia a equação “inteligência igual a orgulho”; tal equação seria justa se significasse que uma inteligência puramente mental – não “cardíaca” ou “intelectiva” – corre o risco de sucumbir à tentação profana e mundana de um luciferismo autocrata, mas ela comete o erro de não especificar isso e de dar a impressão de que a inteligência em si é orgulhosa, o que é uma contradição de termos. Sem dúvida, a equação de que se trata desempenha o papel de guerra preventiva contra o racionalismo inimigo da fé, o que é uma desculpa, sem poder ser uma justificativa.

Mas voltemos à questão das qualidades morais: como toda virtude, por definição, comporta uma beatitude, os homens mais humildes não podem se impedir de gozar de uma boa consciência – a menos que se privem dela por algum zelo místico irrealista, mas eventualmente eficaz –, nem de saber *a priori* que possuímos necessariamente, de maneira

¹ A tese da subjetividade invencível da mente humana destrói a própria definição de homem.

relativa, aquilo que Deus nos outorga e que ele possui – apenas ele – de maneira absoluta; pois mesmo um valor que nos cabe porque Deus no-lo outorgou, e que por esse fato possuímos realmente em nosso plano, pertence inteiramente a ele, dado que nenhum valor poderia situar-se fora do Sumo Bem. Poder-se-ia dizer que o homem entra na virtude como ele entraria em um santuário, e que a virtude expulsa os ambiciosos que a reivindicam para si mesmos.

Aliás, o homem ao mesmo tempo humilde e inteligente pode cem vezes sentir que tem virtudes, ele sabe ao mesmo tempo que não dispõe das medidas de Deus; ele sabe que nossa situação de homens terrestres não nos permite dormir sobre a consciência – um tanto precária – de nossas qualidades. Pois há sempre a distinção entre o absoluto e o relativo, e, por consequência, o senso das proporções; nenhum homem inteligente pode escapar a essas funções do espírito.

* * *

Rigorosamente falando, o homem não deve querer “adquirir” determinada virtude, ele deve querer eliminar determinado vício; pois realizar uma qualidade é destruir o defeito que lhe é contrário, dado que o normal é o primordial e dado que este precede a queda e a decadência. Esta verdade nos leva à reflexão seguinte: há homens que têm a vã ambição de ser particularmente inteligentes, o que os torna tanto mais tolos; seu caso não seria desesperado se eles tivessem o bom senso e a humildade de reconhecer seus limites – que o Céu não lhes poderia censurar – e se eles se baseassem modestamente em princípios sãos, portanto inteligentes. Um espelho não tem necessidade de ornamentos, ele tem necessidade de pureza; o ornamento significando aqui o “ideal” ao mesmo tempo individualista e perfeccionista, e a pureza, a exigência do real; ora, nossa intenção deve ser conforme a seu objeto, como o é o espelho, e ela deve sê-lo sob o aspecto da essência e da eficácia, não somente sob o da forma. É verdade que a inteligência – pois que acabamos de falar dela – não é uma virtude, mas uma qualidade extra-moral ou mais precisamente uma faculdade, o que, contudo, não faz nenhuma diferença do ponto de vista de que se trata aqui; isso tanto mais quanto a inteligência se combina estreitamente com a virtude na medida em que, sendo fiel à sua natureza íntima, ela é “objetividade”, portanto desapego e imparcialidade; ser totalmente objetivo é um pouco morrer.

Num certo sentido metafísico, só os defeitos nos pertencem; as qualidades pertencem a Deus, ao Bem em si. Eliminando os vícios, permitimos às qualidades de Deus penetrar em nossa alma; de outro ponto de vista – já o dissemos –, somos nós que entramos na virtude. Evidentemente, o mérito da virtude escapa àquele que crê que “a virtude sou eu”; uma coisa é ter consciência de uma virtude, outra coisa é comprazer-se nesta consciência.

Poderíamos também nos exprimir assim: todo homem ama estar à luz e ao ar fresco; ninguém gosta de estar preso numa torre sombria e sem ar; é assim que é preciso amar as virtudes, e é assim que é preciso detestar os vícios. Nenhum homem que pode gozar da luz e do ar pensaria em proclamar “o sol sou eu” ou “o céu sou eu”; amamos a ambiência da luz e do ar, e é por isso que entramos nela. É assim que é preciso entrar nas virtudes: porque elas se impõem por sua natureza e porque amamos sua ambiência.

O orgulhoso a quem se censura um defeito, ou o nega, ou o minimiza reivindicando-o ao mesmo tempo com um individualismo cínico dizendo “mas é assim que eu sou”; o que no fundo é diabólico, pois só Deus tem o direito de dizer: “Eu sou aquele que Eu sou.” O orgulhoso ou nega seus defeitos, ou se orgulha deles; o corolário dessa atitude é que ele exagera os defeitos dos outros, ou mesmo que ele projeta seus próprios defeitos – desta vez sem os minimizar – nos outros, incluindo aqueles que não têm nenhum sinal deles, ou mesmo sobretudo nestes, por uma espécie de vingança.

O humilde, ao contrário, não crê ter direito a um defeito, e com mais forte razão não crê ter defeitos interessantes e dignos de apreciação. O humilde prefere ser um mendigo à luz e ao ar fresco a ser um rei numa torre escura e sem ar; e não lhe passa pela cabeça dizer nem que sua escuridão é luz, nem que a luz é ele. Por certo, o orgulhoso pode ter qualidades naturais; mas não se deve nunca desculpar o orgulho por causa de tais qualidades; pois o homem não tem o direito de gostar do que Deus não poderia aceitar.

* * *

Para vencer um defeito, é preciso utilizar tudo o que se tem e tudo o que se é: a inteligência, a vontade e o sentimento. Entendemos com esta última palavra a capacidade de amar, que implica também a de detestar; o senso do belo implica necessariamente o senso do feio, pois vivemos no mundo dos contrastes ou da manifestação contrastante. Do mesmo modo, ninguém pode venerar se não é capaz de desprezar;² por certo, há um ponto de vista metafísico ou místico que transcende todas as diferenças e só considera os fenômenos sob o aspecto de sua simples existência, de seu caráter de manifestação divina ou de *mâyâ*, mas esse ponto de vista não poderia intervir legitimamente em todas as situações; é preciso saber pôr cada coisa em seu lugar.

A inteligência nos informa da significação cósmica e da necessidade humana – individual e social – das virtudes; ela nos mostra seu valor evidente ao mesmo tempo que a absurdez dos vícios. O sentimento – a alma sensível – nos persuade pela beleza; quanto à vontade, ela põe em prática nosso senso do belo e nossa compreensão do verdadeiro. Isto quer dizer que, para vencer um defeito, é preciso em primeiro lugar compreender sua natureza, em segundo lugar detestá-lo por via de consequência, e em terceiro lugar pôr em prática esta compreensão e esta disposição; ora, compreender a natureza de um defeito é antes de tudo compreender a da virtude que ele nega; da mesma forma, o ódio a um mal só se concebe em função do bem que ele exclui e do amor por esse bem. São o conhecimento e o amor que dão asas à vontade; não é muito difícil querer aquilo de que compreendemos a evidência e a necessidade e que além disso nós amamos, e cuja ausência ou contrário, por consequência, detestamos.

Se de fato somos santos, isto interessa ao Céu, pois nosso bem lhe interessa; mas nosso desejo individualista e perfeccionista de santidade não poderia interessar-lhe. Podemos pedir a Deus que nos liberte de um defeito – com a condição de que não

² Se fosse preciso gostar de tudo ou admirar tudo, como o querem por exemplo certos sonhadores de colorido mais ou menos budista, as condenações do *Magnificat* ou do Sermão da Montanha não poderiam ser explicadas. Caridade ou “compaixão” não é moleza, sem falar que a caridade pode exigir a dureza.

neglicenciemos nada para nos libertar dele –, mas não podemos perder-lhe que nos torne perfeitos; é preciso superar um defeito para livrar o mundo dele, mais que na intenção de se autoadornar de uma qualidade. Sem dúvida, o desejo de ser perfeito não carece de lógica, mas o desejo de não ser imperfeito é mais realista e mais concreto, e também mais modesto.

Nada se pode fazer sem a ajuda do Céu; ora, ele nos deu a capacidade de pensar, de querer, de agir e de amar. O Espírito tornou-se carne a fim de que a carne se torne Espírito.



(Tradução de Alberto Queiroz)